



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 02 N. 01 – nov/dez 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

O Vendedor de Passados: discussões sobre a re(construção) identitária de Angola no período pós-colonial

Franciane Conceição da Silva *

Resumo: Durante o período em que Angola lutou para conseguir se libertar do domínio português, os ecos da literatura ressoaram profundamente e foram uma forte arma de resistência contra o colonizador. Escrevia-se como uma forma de combate, de luta e, acima de tudo, de resistência e valorização da identidade africana. Nesse contexto, é possível afirmar que durante o período de luta pela libertação da nação angolana, a literatura contribuiu de maneira efetiva para o fortalecimento da história e identidade desse povo, marcado por um longo processo de colonização. É sobre essa tentativa de resgate identitário do povo angolano no período pós-independência, que o escritor africano José Eduardo Agualusa vai retratar no seu mais famoso livro, *O vendedor de passados*. Nesse contexto, pretende-se com esse trabalho analisar essa importante obra da literatura africana, discutindo as questões voltadas para o processo de reconstrução identitária do povo angolano no período pós-colonial; e discutir acerca das relações entre história, memória e literatura.

Palavras-chave: *O vendedor de passados*; Angola; Resistência; José Eduardo Agualusa.

Abstract: During the period in which Angola struggled to break free from Portuguese rule, the echoes of literature resonated deeply and were a strong weapon of resistance against the colonizer. It was written as a form of combat, struggle and, above all, resistance and valorization of the African identity. In this context, it is possible to affirm that during the period of struggle for the liberation of the Angolan nation, literature contributed in an effective way to the strengthening of the history and identity of this people, marked by a long process of colonization. It is about this attempt to rescue the identity of the Angolan people in the post-independence period, which the African writer José Eduardo Agualusa will portray in his most famous book, *O vendedor de passados*. In this context, this work intends to analyze this important work of African literature, discussing the questions focused on the process of identity reconstruction of the Angolan people in the postcolonial period; and discussing the relations between history, memory and literature.

Keywords: *O vendedor de passados*; Angola; Resistance; José Eduardo Agualusa.

Durante o período em que Angola lutou para conseguir se libertar do domínio português, os ecos da literatura ressoaram profundamente e foram uma forte arma de

*UFV. E-mail: francyebano14@hotmail.com

resistência contra o colonizador. Escrevia-se sobre a necessidade da libertação, sobre a desumanidade da colonização, escrevia-se sobre a importância da união dos povos africanos para conseguirem se libertar, sobre a paz que reinaria nos países depois da libertação, sobre o orgulho de ser africano. Enfim, escrevia-se como uma forma de combate, de luta e, acima de tudo, de resistência e valorização da identidade africana. Nesse contexto, é possível afirmar que durante o período de luta pela libertação da nação angolana, a literatura contribuiu de maneira efetiva para o fortalecimento da história e identidade desse povo, marcado por um longo processo de colonização.

Todavia, após se libertar do colonizador, Angola entrou em uma violenta guerra civil que durou vários anos. Desse modo, depois de décadas de lutas sangrentas, que finalmente tiveram fim, os angolanos se viram diante de uma realidade totalmente nova, em que era necessário reconstruir o país, definir os novos rumos da Pátria. Essa reconstrução do país ocorre em um tempo de muitas incertezas, incerteza quanto aos rumos do país, de uma minoria rica e uma maioria de miseráveis, incertezas quanto à identidade da nação, que mesmo se libertando do colonizador, vê a todo momentos vestígios da colonização: nos programas de TV, na forma de se vestir, na língua, na religião. Diante de tal contexto, os angolanos vivem um constante conflito na tentativa de “reescrever a nação e intentar uma conformação identitária”. (MATA, 2002).

É sobre essa tentativa de resgate identitário do povo angolano no período pós-independência, que o escritor africano José Eduardo Agualusa vai retratar no seu mais famoso livro, *O vendedor de passados*. Nesse contexto, pretende - se com esse trabalho analisar essa importante obra da literatura africana, discutindo as questões voltadas para o processo de reconstrução identitária do povo angolano no período pós-colonial; e discutir acerca das relações entre história, memória e literatura.

O Vendedor de Passados é um livro que apresenta uma narrativa inovadora, com uma temática inédita e original. Esta obra tem como narrador principal uma osga, espécie de lagartixa, que é ao mesmo tempo personagem e narrador. A história gira em torno de Félix Ventura, um albino que vende passados. Desta forma, Eduardo Agualusa questiona as relações entre memória e identidade. Questiona ainda de que forma as nossas memórias influenciam nosso comportamento presente e o quanto de verdade ou ficção se compõem a

nossa história. A questão da construção identitária do povo angolano é, portanto, o foco da narrativa. Desse modo,

enredada em um jogo identitário, Angola fixa-se num passado que não lhe pertence. Conduzido por uma história entremeada de lutas e divergências, o povo angolano busca alicerçar-se como uma Nação Única, dotada de uma identidade singular. Nesse fluxo de ideias, as literaturas africanas procuram, através do discurso que constroem, solidificar costumes e tradições do passado da África, a fim de moldar sua identidade. (BACH, 2006)

A primeira questão a respeito da construção identitária na narrativa é o fato de termos como personagem central do romance um albino que se afirma como negro autóctone. Nesse primeiro momento, Agualusa mostra que a questão da negritude vai muito além da quantidade de melanina na pele. “Ser negro não é ter uma cor de pele. É todo um modo de ser, de se mover, de pensar, de sentir o mundo”. (MIRANDA, 2011). Podemos reforçar tal afirmativa com um fragmento da obra em destaque abaixo:

- Posso saber o seu nome?

- Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você o primeiro a baptizar-me. [...]

Precisava de um novo nome, e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. O albino ouvia-o aterrado:

- Não! -, conseguiu dizer. - Isso eu não faço. Fabrico sonhos, não sou um falsário... Além disso, permita-me a franqueza, seria difícil inventar para o senhor toda uma genealogia africana.

- Essa agora! E por quê?!...

- Bem... O cavalheiro é branco!

- E então?! Você é mais branco do que eu!...

-Branco, eu?! – o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa:- Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?... (AGUALUSA,2004, p.16)

O trecho em evidência coloca em pauta duas questões que se voltam para a questão identitária em Angola. Temos um albino que vende passados, mas não se considera falsário, porém um fabricante de sonhos. E esse mesmo albino, como já se discutiu anteriormente, apesar da pele branca, considera-se um “negro puro”. Temos, além disso, um homem que, inconformado com o seu passado real, quer um passado novo que o faça esquecer as memórias que tanto o perturbam. O desejo de reinvenção das memórias desse homem que deseja um novo passado se alude à realidade angolana no pós - independência. Dessa forma,

[73/81]

depois de anos de uma guerra que massacrrou a nação e traumatizou todo o país, Angola tenta a todo custo esquecer os horrores da guerra. Todavia, o fato de esquecer não significa necessariamente deixar de lembrar, memória também é esquecimento, e o lembrar também é uma forma de se fortalecer, de resistir, de não retroceder. E se de fato é necessário esquecer, esse esquecer deve ser feito com cautela, isso porque, se realmente há um excesso de memórias que traumatiza o povo africano, é fundamental se “fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis”. (HUYSSSEN, 2000, p. 37)

Ao colocar em foco os assuntos voltados para a relação entre identidade e memória, o romance *O vendedor de passados* questiona, durante todo o tempo, o conceito de memória e até que ponto nossas memórias são imaginadas ou verídicas. Lembramos, muitas vezes, o que nos é conveniente, ao mesmo tempo em que reinventamos, reelaboramos nossas memórias, reelaboramos nosso passado a partir do nosso presente. Nesse sentido, a busca por um passado apropriado ao seu presente é um dos grandes objetivos do personagem José Buchmann. Por isso, depois de comprar um passado, o misterioso homem passa a viver de acordo com sua nova realidade, adotando a identidade nova como se ela sempre tivesse feito parte do mesmo. José Buchmann acredita com tanta veemência na mentira que foi inventada sobre o seu passado que todos ao seu redor também começam a acreditar nessa nova identidade e questionar até que ponto a nova identidade de Buchmann é mesmo uma invenção. O fragmento abaixo comprova essa afirmativa:

Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que ao princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com as camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho - o também mais expansivo. A rir, é já angolano. Além disso, tirou o bigode. Ficou mais jovem. [...] Vi o chegar a esta casa com um extraordinário bigode do século XIX, e um fato escuro, de corte antiquado, como se fosse estrangeiro a tudo. Vejo-o agora, dia sim, dia não, entrar pela porta de camisa de seda, em padrões coloridos, com a gargalhada larga e a alegre insolência dos naturais do país [...]. Se fechar os olhos para o passado, se o vir agora, como se nunca o tivesse visto antes, não há como não acreditar nele - aquele homem foi José Buchmann a vida inteira. (AGUALUSA, 2004, p.65)

O livro mostra que nossa identidade é construída a partir das muitas memórias que compartilhamos com outros, mostra que nossa identidade está sempre em construção, que memória é identidade, que memória é relativa e que memória pode ser arquivada no inconsciente de maneira que não entendemos e que ela pode nos trair. “É que a memória, sendo única, é uma fábula individual. Ela é para ser questionada. Ela existe para ser

[74/81]

embelezada. E que os detalhes que a fazem são representativos do espírito da época”. (BACH, 2006). As novas memórias identitárias de José Buchmann são uma alusão à nova identidade angolana depois da colonização. E assim como Buchmann que assume essa nova identidade e começa a se afirmar como tal, o povo angolano tenta reconstruir sua identidade pós - independência.

Por isso, rasteando o percurso das diversas identidades nas suas espácio-temporalidades (cultural, social, étnica), a literatura pós-colonial tem vindo a desestabilizar os lugares cativos da identidade (dita) nacional, apelando para a “consciência subjectiva”, individual, e perseguindo e tentando fixar as diversas memórias históricas através de figurações fragmentárias. (MATA, 2002)

Outro tema latente no livro é a discussão sobre a verdade. Agualusa questiona até que ponto pode-se estabelecer um limiar entre verdade e ficção. Até que ponto pode-se considerar a literatura enquanto ficção ou a história enquanto fato. Até que ponto nossas memórias são verídicas ou imaginárias.

- A verdade é improvável. Sorriu num relâmpago:

- A mentira -, explicou, - está por toda a parte. A própria natureza mente. O que é a camuflagem, por exemplo, senão uma mentira? O camaleão disfarça-se de folha para iludir a pobre borboleta. Mente-lhe dizendo, *fica tranquila, minha querida, não vês que sou apenas uma folha muito verde ondulando ao vento?* – e depois atira - lhe a língua, a uma velocidade de seiscentos e vinte e cinco centímetros por segundo, e come-a. [...]

- Abomino a mentira porque é uma inexactidão. [...]

Também a verdade costuma ser ambígua. Se fosse exacta não seria humana. [...] Indique-me uma profissão, uma única, que não se socorra nunca da mentira, e na qual um homem que apenas diga a verdade seja efectivamente apreciado? (AGUALUSA, 2004, p.132-133)

Estabelecer até que ponto algumas obras literárias podem ser verdadeiras ou fictícias é um grande desafio para muitos historiadores. Balzac, Machado de Assis, Shakespeare são ficcionistas que fizeram um retrato de sua época tão ou mais real do que qualquer historiador poderia fazer. Muitos historiadores recorrem às obras literárias para compreender melhor determinado período histórico assim como muitos literatos recorrem aos livros de história para construir suas narrativas. O fato é que ambos os profissionais, tanto os escritores quanto os historiadores, partem da linguagem verbal para construir suas histórias. A diferença está na forma como estes utilizam a linguagem. Assim,

encarados simplesmente como artefatos verbais, os textos históricos e os romances não se distinguem um do outro. Não é fácil destriná-los a nível formal, a não ser que os abordemos com preconceitos específicos acerca do tipo de verdade de que supostamente cada um deles deve ocupar-se. Porém, o objetivo de um romancista deve ser o mesmo do de um historiógrafo. Ambos pretendem apresentar uma imagem verbal da “realidade”. (WHITE, 2005, p.44)

Agualusa apresenta uma imagem verbal da realidade de Angola tal qual os historiadores apresentam uma imagem deste país. A realidade apresentada pelo escritor africano é reelaborada, carregada de metáforas, mas não deixa de ser uma representação do real. O escritor brinca com a linguagem, usa esta ao seu favor. Parte da história para criar a ficção e assume tal posição. Dessa forma, podemos dizer que:

O carácter inacabado da História só pode ter como contraponto o carácter inacabado da Literatura. Por isso, se continuam a escrever romances ou contos com personagens do passado, para consolidar o sujeito com a memória, individual e colectiva, para situar num tempo reversível e utópico. (MARINHO, 2008, p.147)

Usando desse artifício de mesclar ficção e realidade, Agualusa nos apresenta uma imagem de Luanda carregada de verdades históricas, mas ao mesmo tempo iluminada pelas luzes da imaginação, uma imagem que revela as angústias e conflitos de um povo na busca por sua identidade. Revela uma Luanda de loucos, a expor inconvenientes verdades. Mostrando assim que a loucura nem sempre é ausência de sanidade, mas uma forma de fugir da realidade que, muitas vezes, de tão aterrorizante não é possível ser encarada.

Luanda está cheia de pessoas que parecem muito lúcidas e de repente desatam a falar línguas impossíveis, ou a chorar sem motivo aparente, ou a rir, ou a praguejar. Algumas fazem tudo isso ao mesmo tempo. Umas julgam que estão mortas. Outras estão mesmo mortas e ainda ninguém teve coragem de informar. Umas acreditam que podem voar. Outras acreditam tanto nisso que realmente voam. É uma feira de loucos, esta cidade. (AGUALUSA, 2004, p.162)

O retrato de Luanda é um retrato de indivíduos perdidos em um país que tenta se reconstruir. Um país que teve sua história interrompida, que tenta resgatar suas memórias, sua identidade, sua história. Foram tantos os horrores vistos por boa parte da população angolana durante os conflitos pela libertação do país e depois de uma longa e aterrorizante guerra civil que muitos angolanos, realmente enlouqueceram. Em muitos casos a loucura funciona como uma válvula de escape quando se torna impossível encarar a realidade. Dessa forma, enquanto muitos angolanos tentam resgatar as suas memórias para que as lembranças de um passado

doloroso os fortaleçam no presente; outros vivem numa tentativa desenfreada de esquecer para não enlouquecer. Nesse sentido, é possível afirmar que:

Em vista da multiplicidade de identidades sociais, e da coexistência de memórias concorrentes, as memórias alternativas (memórias de família, locais, nacionais, e assim por diante), é proveitoso pensar em termos pluralistas sobre os usos das memórias por diferentes grupos sociais, que talvez também tenham diferentes visões do que é importante “digno de memória”. (BURKER, 2000, p.84)

Neste conflito entre lembrar e esquecer, a nação angolana vai reconstruindo sua identidade. Nessa tentativa de reconstrução identitária faz-se necessário resgatar tradições. Resgatar uma memória oral para além de uma memória escrita. Tal resgate se dá a partir da valorização das memórias guardadas pelos anciãos, tão valorizados em África. Estes são os guardadores de uma memória viva, uma memória que se encontra em reconstrução. Em *O Vendedor de Passados*, Agualusa nos apresenta a personagem Velha Esperança como representante desses guardiões da memória.

A Velha Esperança, essa, acha que são os muros que fazem os ladrões [...] Ela nunca leu livro nenhum, mal sabe ler. Todavia, venho aprendendo muita coisa sobre a vida, no geral, ou sobre a vida neste país, que é a vida em estado de embriaguez, ouvindo-a a falar sozinha, ora num murmúrio doce, como quem canta, ora em voz alta, como quem ralha, enquanto arruma a casa. A Velha Esperança está convencida de que não morrerá nunca. [...] Não me parece impossível. Esperança Job Sapalalo tem uma fina teia de rugas no rosto, o cabelo todo branco, mas as carnes mantêm-se rijas, e os gestos são firmes e precisos. Na minha opinião é a coluna que sustenta esta casa. (AGUALUSA, 2004, p.11-12)

Os angolanos preservam os traços da tradição oral e valorizam as memórias guardadas pelos mais velhos, pois sabem que enquanto nação em processo de reconstrução não pode desprezar as memórias dos anciãos, dos guardadores da memória de um povo. Os africanos têm consciência de que a morte de um idoso é também a morte de muitas histórias e memórias, por isso a valorização da sabedoria destes enquanto estão vivos é de fundamental importância. De acordo com Halbwachs (2006, p. 85),

é na medida que a presença de um parente idoso está de alguma forma impressa em tudo o que este nos revelou sobre um período e uma sociedade antiga, que ele se destaca em nossa memória – não como uma aparência física um tanto apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e o condensa.

A Velha Esperança é a representação do conhecimento adquirido através das vivências: esta nem sabe ler, mas sabe contar as histórias que viveu, as histórias que acompanhou de perto, do sofrimento do povo africano e de toda a luta pela libertação do país. A Velha Esperança acredita que não vai morrer, pois ao contar suas experiências para os mais jovens, a história oral se perpetua e, ainda que haja uma morte física, há uma preservação das

memórias. A Velha Esperança trabalha na casa de Félix Ventura, local em que se desenvolvem, praticamente, todas as ações da narrativa. A casa é o local em que a osga se sente protegida. A casa é o centro de compreensão da realidade. É espaço de preservação da memória oral, através da Velha Esperança e também da memória escrita, guardada na imensa biblioteca de Félix Ventura, com seus milhares de livros. É através dos livros que Ventura inventa e reinventa passado, reconstrói, enfim, histórias e memórias. A casa aparece como símbolo de preservação da história escrita e oral, é uma alusão à Mãe África que, assim como a casa, abriga seus filhos e preserva grandes ensinamentos para a história da humanidade. Félix, dono da casa, é fruto de uma educação formal, de uma sabedoria adquirida nos livros, A Velha Esperança que trabalha na casa, simboliza os conhecimentos adquiridos pelas vivências e experiências. Assim como a África, a casa é um espaço de acúmulo de tempo, uma fonte inesgotável de conhecimentos, saberes, histórias e memórias.

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança. A Velha Esperança traz às vezes um dos netos pequenos. Transporta-os às costas, bem presos com um pano, segundo o uso secular da terra. Faz assim todo o seu trabalho. Varre o chão, limpa o pó aos livros, cozinha, lava a roupa, passa-a a ferro. O bebê, a cabeça colada às suas costas, sente-lhe o coração e o calor, julga-se de novo no útero da mãe, e dorme. Tenho com a casa uma relação semelhante. (AGUALUSA, 2004, p. 9)

A Velha Esperança simboliza tradições africanas que mesmo com o longo período de colonização europeia se mantiveram vivas, como ferramentas fundamentais para a reconstrução identitária desse povo. E assim, A Velha Esperança trabalha enquanto o neto dorme preso às suas costas com um pano, costume antigo que as mulheres africanas até hoje preservam como símbolo de resistência e valorização de suas histórias e tradições. A casa é, acima de tudo, o espaço em que Félix Ventura constrói memórias individuais através do resgate de memórias coletivas, utilizando-se de elementos do presente para reformular o passado. Desse modo, o albino se mostra consciente de que:

Nem a memória é um atributo meramente individual, nem ela é capaz de recuperar um passado original e finito; é necessário associar os fenômenos relacionados à memória, a estruturas práticas sociais intersubjetivas e ocorridas no presente. (SANTOS, 2001, p.71-72)

Consciente do importante papel dos escritores nesse momento de reconstrução identitária do país, no romance *O Vendedor de Passados*, Eduardo Agualusa faz, em vários momentos, um discurso de valorização do texto literário. Utilizando-se da meta-literatura, ou

[78/81]

seja, recorrendo ao texto literário como veículo de valorização da literatura. Desse modo, o escritor elabora uma narrativa para fazer com que Angola reflita sobre sua identidade e assim, consciente da atual realidade do país, sabedor das utopias que não se confirmaram depois dos conflitos pela libertação da nação, consciente das muitas incertezas quanto ao futuro de Angola, Agualusa constrói uma narrativa individual com a intenção de influenciar, de alguma forma, na construção da narrativa nacional. Nesse sentido, pode-se dizer que

As narrativas individuais irão constituir a narrativa nacional. Narrar é um ato discursivo, portanto, cada experiência vivida individualmente pode ou não influenciar a narrativa maior de uma nação. No entanto, a mudança na narrativa de uma nação sempre acaba, de alguma forma, interferindo nas narrativas individuais. (BACH, 2006)

Em *O Vendedor de Passados*, Eduardo Agualusa reconstrói memórias da história de Angola através de uma narrativa ficcional. Em um dos capítulos da narrativa, na qual Félix Ventura relembra momentos da sua infância, o albino faz referência a uma guerra de gafanhotos. A análise de tal episódio nos permite perceber que, ao falar dessa guerra de gafanhotos, o escritor se utiliza de uma metáfora para fazer referência à guerra civil em Angola. Como pode ser comprovado no fragmento que segue:

Lembro-me das tardes em que choviam gafanhotos. O horizonte escurecia. Os gafanhotos caíam atordoados no capim, primeiro um ali depois outro acolá, e eram logo, devorados pelos pássaros. A escuridão avançava, cobria tudo, e no instante seguinte transformava-se numa coisa ansiosa e múltipla, num zumbido furioso, num alvoroço, e nós corríamos para casa, a procurar abrigo, enquanto as árvores perdiam as folhas e o capim desaparecia. (AGUALUSA, 2004, p.94)

Nesse sentido, pode-se dizer que tanto a história quanto a literatura são formas de representação do real. Segundo Hayden White (2005, p.45), “a história é tanto uma forma de ficção, como o romance é uma forma de representação histórica”. O romance é, em muitos casos, um retrato detalhado de uma determinada época, funcionando como uma significativa fonte de pesquisa histórica. Dessa forma, é possível afirmar que para entender determinada temporalidade, em vários momentos, os historiadores recorrem às obras literárias que dizem muito mais sobre algumas épocas em estudo do que alguns livros de história. Assim,

ao “imitar a vida” a obra ficcional proporciona um relato que articula, de várias maneiras, vestígios comportamentais, sociais, políticos e culturais de uma temporalidade. A narrativa ficcional é, também, um registro muito expressivo das temporalidades. (MARSON, 2004)

A narrativa é um simulacro do real. Podemos dizer que a representação que a literatura faz da realidade é semelhante à representação feita pela personagem Ângela Lúcia que vivia a fotografar luzes. O escritor de ficção lança focos de luz sobre a realidade, iluminando alguns

[79/81]

pontos, sombreando outros. Já a representação que José Buchmann faz da realidade, através das fotos de guerras, alude à representação da realidade feita pela história. O historiador tenta representar a realidade tal como ela é, mostrando-a “nua e crua”, assim como as fotos que Buchmann fazia dos conflitos. Um mesmo fato representado pela história pode ser representado pela literatura. Nesse caso, enquanto literato, Agualusa faz uma defesa da representação da realidade feita através dos livros de ficção.

- A realidade é dolorosa e imperfeita [...]. A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo o que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolha os livros. (AGUALUSA, 2004, p.102)

Diante do exposto, fica claro que a construção da identidade angolana na pós-independência passa, inevitavelmente, pela valorização da literatura enquanto ferramenta de resistência e de formação identitária. A literatura foi uma ferramenta de fundamental importância no período em que o povo angolano lutava pela tomada do país das mãos do colonizador e, ainda hoje, é uma grande arma no processo de reconstrução identitária da nação. Conforme Inocência Mata (2002), neste período pós-colonial, a literatura angolana vai se construindo a partir de um equilíbrio entre as dimensões do nacional e do universal, entre a especificidade angolana e a universalidade das questões equacionadas. Assim, a escrita em Angola, da mesma forma que no período colonial, continua a erguer identidades históricas a partir de imagens construídas a partir da memória, ou seja, a escrita continua, portanto, na trilha de um repaisamento identitário e de uma busca da cidade nacional.

Referências Bibliográficas:

AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de Passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

BACH, Carlos Batista. “Um passado real no discurso de um sonhador: uma leitura da obra *O Vendedor de Passados*”. Porto Alegre, 2006.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: __ *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HALBWACHS, Maurice. “Memória coletiva e memória histórica”. In: __ *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARINHO, Maria de Fátima. *A construção da memória*. In: Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Vol. 10. Santiago de Compostela, 2008, p. 135-148

MARSON, Izabel Andrade. “Obras de ficção revelam características de momento histórico”. Disponível em www.comciencia.br/entrevistas/2004/10/entrevista2.htm. Acesso em 29 de outubro de 2005.

MATA, Inocência. *A Actual Literatura Angolana: pontes ligando gerações, estéticas em rupturas*. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/73-a-actual-literatura-angolana-pontes-ligando-geracoes-esteticas-em-rupturas.html>> Acesso em: 20 ago. 2011.

MIRANDA, Ana. *A arte de fingir que se mente*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, número 76. Rio de Janeiro, janeiro de 2012.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. “A construção social da memória”. In: __ *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

WHITE, Hayden. “As ficções da Representação Factual”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.